



Mário Simonsen

JORNAL DA TARDE
23 MAR 1984



Marques Moreira

Duas opiniões *Economia* (divergentes) sobre a *Brasil* imagem do Brasil

A imagem do governo melhorou bastante junto aos banqueiros, depois dos últimos acertos com o Fundo Monetário Internacional. A afirmação foi feita ontem no Rio pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que também participa da Citicorp, após retornar de Nova York.

Sobre a recente elevação de 11 para 11,5% da prime rate (os juros mais baixos cobrados pelos bancos norte-americanos), Simonsen comentou: "Isso não chega a ser um problema porque os compromissos são ajustáveis sempre que há uma certa modificação da taxa de juros. E eu espero que os juros não continuem subindo, pois aí sim as coisas poderiam se complicar".

"Um escândalo"

O vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, disse ontem que considera "um escândalo" os contrastes sociais e as áreas de pobreza absoluta existentes no Brasil, advertindo que esta situação "tira a possibilidade de que a nossa voz seja ouvida com respeito no Exterior", prejudicando mesmo as negociações do Brasil com a comunidade financeira internacional e a defesa de nova ordem econômica. Para o banqueiro, 1984 "é um ano decisivo", exigindo a liderança de "um autêntico estadista", com "dimensão ética, credibilidade pública e respaldo político para uma ampla negociação nacional".

Marques Moreira, falando no seminário "Brasil em Exame", criticou o "dirigismo estatal sem direção" e considerou necessário "recuperar o próprio conceito de planejamento aberto e dinâmico — não impositivo, não megalômano" e assim construir uma estratégia mais abrangente, de maior prazo e mais coerente.

Desafogo de nove meses

O banqueiro assinalou que o segundo desembolso do empréstimo-jumbo ao Brasil e da parcela do FMI, a reintegração do País ao sis-

tema internacional de compensação bancária e o fim da centralização do câmbio "representaram um passo dos mais relevantes para, em termos internacionais, transferir as nossas contas do vermelho para o preto". Mas a conclusão da chamada fase 2 da renegociação — que envolve recursos globais de US\$ 36 bilhões — "não significa que o problema tenha sido resolvido definitivamente". É necessário aproveitar o desafogo de no máximo nove meses para rearrumar internamente a casa e preparar as condições de uma reestruturação mais realista e também de mais longo prazo da dívida externa, "em vez de negocia-la a duras penas e com alto desgaste ano a ano".

Também participou do debate o economista Adroaldo Moura da Silva, da Universidade de São Paulo. Ele observou que a contínua desvalorização do cruzeiro representa a desvalorização de todas as rendas internas frente à moeda dos investidores externos e de certa forma substitui nos seus efeitos uma compressão ainda maior dos salários.

Outro debatedor, o senador Roberto Saturnino, do PDT-RJ, salientou a necessidade de "uma postura política afirmativa soberana e mobilizadora contra a atitude exploratória da comunidade financeira internacional em relação ao Brasil".

O presidente do PDS do Estado do Rio, Wellington Moreira Franco, disse que a solução dos desafios econômicos e políticos que o País enfrenta está subordinada à solução da crise de poder existente, com a "formação de uma maioria com legitimidade".

Também falou o engenheiro Márcio Fortes, presidente da Construtora João Fortes, manifestando seu temor de que todos os avanços econômicos conseguidos ultimamente sejam desperdiçados por falta de ordenamento das prioridades da vida nacional.